



# 13<sup>a</sup> REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E  
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2269 - Pôster - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)  
GT 12 - Currículo

CINECLUBES COMO ESPAÇOTEMPO DE COMPOSIÇÃO CURRICULAR

Nathan Moretto Guzzo Fernandes - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

## RESUMO

Este artigo apresenta desdobramentos de movimentos de pesquisa com cineclubes realizados nos *espaçotempos* de uma escola pública, tecidos com estudantes e professores, diferentes personagens que embarcam nas conversações provocadas pelos filmes exibidos. Carvalho e Silva (2015) são intercessores para ajudar a pensar a composição curricular com cineclubes. Inspirando-se em Deleuze, buscou-se problematizar os atravessamentos e as experiências que vibram no cotidiano escolar, desestabilizando clichês. As “narrativas” produzidas, os “sons” e “imagens” dos curtas-metragens exibidos nesses *espaçotempos* são tidos como “personagens conceituais”, conceito tratado por Deleuze e Guattari (1992). Como metodologias de pesquisa, foram utilizadas as redes de conversação como força micropolítica para disparar as narrativas, apoiados nas ideias de Carvalho (2009) e a cartografia para acompanhar os processos engendrados no cotidiano escolar a partir de Kastrup e Barros (2015). As exibições tiveram como temática o “Dia Internacional da Mulher”. Destacamos neste artigo os agenciamentos/rupturas reverberados a partir do curta-metragem “Dentro de casa” (direção: Diego Nunes; ano: 2016; país: Brasil; 15’).

**Palavras-chave:** Cineclubes. Currículos. Cotidiano Escolar. Rupturas.

## CINECLUBES COMO ESPAÇOTEMPO DE COMPOSIÇÃO CURRICULAR

### RESUMO

Este artigo apresenta desdobramentos de movimentos de pesquisa com cineclubes realizados nos *espaçotempos* de uma escola pública, tecidos com estudantes e professores, diferentes personagens que embarcam nas conversações provocadas pelos filmes exibidos. Carvalho e Silva (2015) são intercessores para ajudar a pensar a composição curricular com cineclubes. Inspirando-se em Deleuze, buscou-se problematizar os atravessamentos e as experiências que vibram no cotidiano escolar, desestabilizando clichês. As “narrativas” produzidas, os “sons” e “imagens” dos curtas-metragens exibidos nesses *espaçotempos* são tidos como “personagens conceituais”, conceito tratado por Deleuze e Guattari (1992). Como metodologias de pesquisa, foram utilizadas as redes de conversação como força micropolítica para disparar as narrativas, apoiados nas ideias de Carvalho (2009) e a cartografia para acompanhar os processos engendrados no cotidiano escolar a partir de Kastrup e Barros (2015). As exibições tiveram como temática o “Dia Internacional da Mulher”. Destacamos neste artigo os agenciamentos/rupturas reverberados a partir do curta-metragem “Dentro de casa” (direção: Diego Nunes; ano: 2016; país: Brasil; 15’).

**Palavras-chave:** Currículos. Cineclubes. Cotidiano Escolar. Rupturas.

## A FORÇA DAS IMAGENS CINEMATOGRÁFICAS NOS COTIDIANOS ESCOLARES

Acreditamos nas imagens, sons e as narrativas como “personagens conceituais” conceito pensado/criado por Deleuze e Guattari para apontar que precisamos do “outro” para criar ideias, teorias, conceitos.

O personagem conceitual não é o representante do filósofo, é mesmo o contrário: o filósofo é somente o invólucro de seu principal

personagem conceitual e de todos os outros, que são os intercessores, os verdadeiros sujeitos de sua filosofia. Os personagens conceituais são os "heterônimos" do filósofo, e o nome do filósofo, o simples pseudônimo de seus personagens. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.78).

Buscamos, assim, acompanhar e problematizar sobre os potenciais estéticos, políticos e a produção de currículos inventivos com as exposições fílmicas, realizadas com estudantes e professores de uma escola pública, com cineclube, considerando-o *espaçotempo* privilegiado de *aprenderensinar* no cotidiano escolar. Nesse processo, nos ex-pomos ao risco da experiência, como aquilo que nos passa e nos afeta, no sentido de experimentar como nos aponta Larrosa,

O sujeito da experiência é um sujeito "ex-posto". Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a "o-posição" (nossa maneira de opormos), nem a "imposição" (nossa maneira de impormos), nem a "proposição" (nossa maneira de propormos), mas a "exposição", nossa maneira de "ex-pormos", com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. (LARROSA, 2002, p. 19).

A opção de acompanhar as atividades tecidas por um cineclube vai ao encontro de uma aposta curricular não hierárquica, não segmentar ou cartesiana, mas um desejo de uma tessitura curricular autônoma e colaborativa, subversiva, intensa e intempestiva, criativa e inventiva, fecunda. E o cineclube se constitui por sua vez nesse lugar privilegiado e potente que fala/contribui na composição desse movimento. E para acompanhar esses processos recorremos à cartografia, tomando como referência os estudos de Kastrup e Barros (2015), onde as autoras sustentam que cartografar é acompanhar processos inventivos e de produção de subjetividade, não representar objetos.

## O CINECLUBE COMO *ESPAÇOTEMPO* QUE MOVIMENTA O PENSAMENTO

Por que, acompanhar as práticas de um cineclube? Como o uso de filmes pode disparar conversações? Estas questões vêm no corolário de processos que tem trazido à tona as redes de *conhecimentossignificações* de discentes e docentes, onde os usos de filmes, como tática desviacionista para movimentar o pensamento nas redes de *conhecimentossignificações*, compoem *espaçotempos* potentes de tessituras curriculares.

Os cineclubes constituem-se como uma série de movimentos autônomos, organizado por coletivos pessoas, interessadas por cinema, propondo mostras fílmicas, gratuitas, com filmes muitas vezes nacionais, locais, fora da lógica *hollywoodiana*, seguidos de debates. O cineclubista é *opraticantepensante* que aposta na subversão da "ordem" de produção e distribuição cinematográfica "imposta". Esses movimentos nos auxiliam a *fazerpensar* outros possíveis para os usos dos filmes nas escolas com os processos de *aprenderensinar*. Os cineclubes são, portanto, lugar privilegiado de problematizações, constituídos, tecidos na coletividade, disparador de conversas, mobilizador de *conhecimentos significações*. Assim, "pensamos o currículo como redes de conversações e ações complexas, que ocorrem atravessando diferentes protagonistas da ação educativa curricular" (CARVALHO, 2009, p. 187).

Nesse sentido, buscamos trazer as tessituras curriculares no/do/com cotidiano escolar de uma escola de ensino médio da rede pública estadual a partir das exposições fílmicas com cineclube. Pois compreendemos que "é nessa complexidade dos saberes-fazer cotidianos que são inventados e compartilhados múltiplos sentidos para a educação, para as escolas e para os conhecimentos" (FERRAÇO e GOMES, 2013 p. 464). Assim, tocamos e fomos tocados pelas imagens, fomos mapeando e problematizando as narrativas disparadas nos entrecruzamentos das redes de conversações. Não houve, porém, a pretensão de nesse "mapear" abarcar tudo, ou enclausurar a vida, mas trazer um olhar, "[...] no qual as singularidades não anulem a multiplicidade e, fundamentalmente, a potência das vozes e da inventividade, sabendo que sempre haverá ilhas desconhecidas a descobrir" (CARVALHO e FERRAÇO, 2012, p.4).

## TECENDO CONVERSAS COM O CURTA-METRAGEM "DENTRO DE CASA"

O curta-metragem "Dentro de casa" narra a história de um relacionamento abusivo, onde o marido utilizando-se de uma série de estratégias de violências psicológicas faz com que a esposa fique reclusa em casa, sem poder comungar da vida social com suas amigas, enquanto ele vivia a vadiar pelas noites. Nesse caminho, a história parecia que teria um desfecho trágico ou dramático, porém, acaba ganhando ares gloriosos quando a mulher, após ler um livro de Simone de Beauvoir, mobiliza forças para se rebelar diante daquilo que diuturnamente lhe afligia, destruindo sua vida, rompendo o relacionamento com o marido, e, de maneira triunfal, o abandona, como numa linha de fuga desestabiliza e cria novas possibilidades de percursos.

O curta foi escolhido por conta da semana do Dia Internacional da Mulher da relevância de discutir temas transversais que percorrem e atravessam o "ser mulher na escola, nos cotidianos". Após o término do curta-metragem, os organizadores do cineclube trouxeram dados para apresentar a realidade estatística brasileira e para *fazerpensar* com os demais um paralelo de problemáticas que tencionam o cotidiano das inúmeras redes educativas as quais transitam, as mulheres. Temas como a misoginia, as políticas de proteção a mulher, a violência doméstica, a desigualdade de gênero, o assédio, foram bastante comentados na rede de conversas.

*Estudante A: As políticas de proteção a mulher, a lei Maria da Penha não protegem a mulher. O cara bate na mulher e não acontece nada.*

*Estudante B: Aí depois é solto e mata logo (riso).*

*Estudante C: Acontece muito e não só aqui no Brasil, mas em muitos países e não é engraçado! Tem alguns meninos que estão rindo, mas isso não é engraçado, são temas sérios que afetam as mulheres. A lei maria da penha é importante por que até então não havia nenhuma, a mulher estava desprotegida. Foi uma iniciativa mas tem que melhorar muito.*

*Professora A: Como professora me incomoda muito algumas brincadeiras feitas por alguns, e isso é sério! Piadinhas nos corredores. Que as vezes a gente não tem nem ânimo de discutir, de chamar atenção.*

Sublinhamos alguns trechos que nos afetam nas conversas engendradas. Duas falas que se opõem, na primeira destaca-se o riso diante de uma situação dramática que afeta muitas mulheres no país. Na seguinte, uma rápida interpelação de uma estudante que não deixa a fala disparada passar despercebida, como se ninguém tivesse ouvido, por mais perversa que aquela fala pudesse representar, ela a considera manifestando que “*não é engraçado*” uma mulher ser assassinada e que apesar dos percalços das políticas públicas elas precisam ser aperfeiçoadas e não abandonadas.

Esta estudante, também nos põe a pensar nossa prática enquanto estudantes e professores no cotidiano escolar. Como reagimos as “piadinhas”? Deixamos passar despercebidas - como na fala da professora “*as vezes a gente não tem nem ânimo de discutir*”? Ou buscamos problematizá-las, desnaturalizá-las, para que possamos *pensar* criar uma realidade menos morta - como diz o poeta, e uma escola mais viva, generosa e solidária. E as conversas continuaram numa espiral crescente, potente e incontável, discutindo desde os padrões socialmente impostos ao direito de se vestir da maneira que lhe convir.

### **CONSIDERAÇÕES SOBRE O QUE NOS MOVE/PERCORRE/AFETA/MOBILIZA**

Chegamos ao cabo das conversas instigados pensando nas imagens “clichês” e na potência do cineclube (e do cinema) para problematizar esquemas “sensório-motores” (DELEUZE, 2005) de reconhecimento automático, buscando criar possibilidades outras para,

Potencializar processos de aprender-ensinar que impliquem reflexão e criação, remar contra a maré homogeneizante dos clichês, do engessamento da potência criadora de alunos e professores, pois produzir diferença é criar possibilidades de fluxos de pensamento, tirá-lo do repouso (CARVALHO e SILVA, 2014, p. 90).

Assim, com as imagens “clichês”, ao contrário de aceitá-las nos pusemos a problematizá-las buscando agir, reagir aos mecanismos que empobrecem, apequenam ou limitam os processos de *aprenderensinar* a vida, uma vez que enquadram, engessam os *saberesfazer*es cotidianos.

Portanto, será que a escola não tem muito a aprender com as provocações reverberadas nas conversas com cineclube? Acreditamos que sim, os cineclubes se justificam para além da divulgação da obra cinematográfica, pois compõem importantes momentos formativos de criação/invenção/proliferação do pensamento com estudantes e professores, logo, de tessituras curriculares. A experiência com cineclube tem mostrado a potência dessas redes de *conhecimentossignificações* nesse *espaçotempo* dialógico, colaborativo, subversivo, democrático, político, poético, formativo, transformador, e...e...e...

### **Referências Bibliográficas**

BARROS LP, KASTRUP V. **Cartografar é acompanhar processos**. In: Passos E, Kastrup V, Escóssia L. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. 1ª ed. Porto Alegre: Editora: Sulina, 2015

CARVALHO, Janete Magalhães. **O cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Petrópolis/RJ: DP et Alii; Brasília, DF: CNPq, 2009.

CARVALHO, Janete Magalhães, FERRAÇO, Carlos Eduardo. **Currículo, cotidiano e conversações**. Revista e-curriculum, São Paulo, v. 8, nº 2, agosto, 2012.

CARVALHO, Janete Magalhães, SILVA, Sandra Kretli da. **O cinema como linguagem potencializadora dos processos de aprender-ensinar**. Leitura: Teoria & Prática, Campinas, v. 32, n. 63, p. 77-91, dez 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI; Félix. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992

DELEUZE, Gilles.. **A imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 2005 (Cinema 2).

FERRAÇO, Carlos Eduardo, GOMES, Maria Regina Lopes Gomes. **Sobre as redes que tecem práticas políticas cotidianas de currículo e de formação de professores**. Currículo sem Fronteiras, v.13, n.3, p. 464-477. Set./dez. 2013.

LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Trad. GERALDI, João Wanderley. Revista Brasileira de Educação. Ed. 2002.